



## Tesouros das Infâncias Paulistinhas



### Das incertezas às promessas: experiências no ensino remoto do NEI-Paulistinha

Edição Especial

É com grande orgulho que apresentamos esta edição especial do Boletim Tesouros das Infâncias Paulistinhas - Das incertezas às promessas: experiências no ensino remoto do NEI-Paulistinha. O foco desta edição é destacar o trabalho realizado pelas professoras e professores do Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação (NEI-Paulistinha) durante o período de isolamento social necessário devido à Pandemia da COVID-19 (SARS-COV-2).

Das incertezas que este momento trouxe desde seu início, às promessas de uma resolução que ainda estão por vir, tivemos a realidade possível imposta a nós e com muito profissionalismo de nossa equipe conseguimos, neste que é talvez o momento mais desafiador das nossas gerações, viver o ano de 2020 junto de nossas crianças, mesmo que fisicamente distantes.

A todas as famílias do NEI-Paulistinha: MUITO OBRIGADA!

### Das incertezas às promessas: O trabalho remoto realizado pela equipe do Ensino Fundamental

*Equipe docente e coordenação do Ensino Fundamental*

A pandemia do COVID-19 impôs à sociedade a necessidade do isolamento social como medida de preservação da vida. Tal situação nos trouxe o desafio de repensar as propostas educativas escolares para garantir os direitos de aprendizagens das crianças e a manutenção do vínculo com a escola.

Este texto busca compartilhar alguns aspectos da organização pedagógica do Ensino Fundamental na modalidade remota, realizada por toda a equipe em momentos de formação e reflexão, visando ressignificar o trabalho pedagógico nessa configuração à distância.

A realização das propostas não presenciais não se caracterizaram pela mera substituição das aulas presenciais, e sim pelo uso de práticas pedagógicas mediadas, ou não, por tecnologias digitais de informação e comunicação que possibilitassem o desenvolvimento de objetivos de aprendizagem previstos no currículo escolar. Para isso, a equipe de professores retomou e redimensionou os planos de ensino anuais, fez um estudo mais detalhado dos objetos de aprendizagem e habilidades propostas na BNCC (Base Nacional Co-

mum Curricular), elencando habilidades prioritárias que nortearam a escolha dos conteúdos propostos durante os encontros síncronos e propostas assíncronas.

Os encontros síncronos foram organizados em propostas diárias de 1 hora e as atividades assíncronas em roteiros de estudos semanais. Durante os encontros, as professoras retomavam os roteiros, realizando orientações e propostas de debate, socialização de experiências e autocorreção.

A avaliação diagnóstica e processual foi implementada visando acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de forma periódica, utilizando como registro propostas de sondagem e produções de textos realizados pelas crianças, e uma ficha de acompanhamento feita pela professora. Periodicamente realizamos também reuniões com as famílias a fim de atender às suas demandas e necessidades.

Entendemos que tais ações têm sido avaliadas de forma positiva pela comunidade escolar, o que pode ser constatado na participação das crianças e pais nos encontros e propostas!

Tesouros das Infâncias Paulistinhas

Número 5, 2020

Universidade Federal de São Paulo

Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação

#### Nesta edição:

O trabalho remoto realizado pela equipe do Ensino Fundamental	1
o trabalho docente na educação infantil durante a pandemia	2
kits de brincadeiras e experiências	3
A relação entre família-escola e as "lições" da pandemia	3
Matrizes culturais do Brasil: indígenas e africanas	4
E de repente... não podemos mais sair de casa!	5
Encontros online: momentos de alegria, celebração e aprendizagem!	5
Escutando as crianças e contemplando as experiências em tempos ...	6
Manifesto	6
Trabalhando a oralidade no 1º ano	7
Como trabalhar arte remotamente na Educação Infantil?	7
Descobrimo o corpo humano de forma diferente	8
A Escola Paulistinha de Educação como campo de estágio, pesquisa ...	8
Literatura afro-brasileira e indígena na Sessão Simultânea Virtual de	9
Desenvolvimento profissional de educadoras e educadores da infância	9
A escola que se abre para o encontro e para novas possibilidades	10

# Das incertezas às promessas: o trabalho docente na educação infantil durante a pandemia

Dilma Antunes Silva - Ítalo Butzke - Ana Paula Santiago do Nascimento

Desde meados de março deste ano, quando fomos sacudidos por uma onda de incertezas, medo e mortes causadas pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), nos vimos forçados a reconfigurar nossos modos de interação e de cuidados tanto pessoais como profissionais. Distanciamos-nos uns dos outros, guardamos-nos dentro de nossas casas. Poucos, embora milhares, podiam sair. Eram trabalhadores e trabalhadoras de serviços essenciais, em grande parte, da área da saúde, saneamento, alimentação.

Em nosso caso, profissionais da Educação, tivemos que aprender um novo jeito de “fazer escola” longe da escola. Com seu fechamento por tempo indeterminado, além das muitas incertezas quanto ao futuro, houve a necessidade de se criar alternativas que viabilizassem a não ruptura brusca com os processos educativos (e de ensino-aprendizagem) que vinham sendo traçados. Crianças e adultos, educandos e educadores foram surpreendentemente “lançados” (ou atraídos para) um novo ambiente: o da interação remota.

De nossas casas, onde, aparentemente, solitários nos aventurávamos intelectualmente para realizar o ofício docente em novo formato (híbrido), dificuldades iam surgindo e sugeriam cada vez mais a necessidade de metamorfose de nossa experiência pessoal e profissional. Salas de aula foram improvisadas em quartos, salas, cozinhas, escritórios. Esses ambientes, reconfigurados, passaram a ser “oficinas” onde professores e professoras, inicialmente sem as crianças, discutiam, planejavam e partilhavam experiências mirando, profeticamente<sup>1</sup>, num futuro ainda indefinido.

Assim, foram necessárias muitas reuniões para planejamento, “arquitetura” e avaliação do trabalho pedagógico. Delas, muitas ideias surgiram, e decisões foram tomadas a fim de viabilizar a realização de um conjunto de ações coerentes com a Proposta Pedagógica do NEI-EPE Paulistinha.

A proposta dos vídeos, por exemplo, surgiu na semana em que fomos informados sobre o fechamento da escola. Nossa ideia inicial era a de gravar algumas contações de histórias, mas logo surgiram outras propostas, como clipes musicais, cirandas entre outras formas de manifestações culturais. Outra possibilidade encontrada pelo coletivo de docentes foi a utilização de mídias sociais como *Facebook* e *Youtube* para difusão dos conteúdos que estavam sendo criados por eles, de maneira criativa. Mas, como dissemos, dificuldades surgiam a todo momento, em geral relacionadas à pouca familiaridade com o uso da tecnologia e seus recursos, mesmo assim, abrimos a janela de nossas casas para a comunidade escolar entrar.

E, em contrapartida, casas foram gentilmente abertas para nossa entrada. Passamos finalmente a nos encon-

trar, mediados pela tela, com as crianças e com as famílias. Encontros síncronos foram planejados e têm sido mantidos como outra forma possível de interação e manutenção de vínculos afetivos entre crianças e professoras(es). Porém, não é demasiado lembrar que a Educação Infantil tem uma identidade própria e complexa, e que a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças implica vivências múltiplas, interações, brincadeiras e cuidados de si, do outro e com o outro.

Como explica Coutinho (2018, p.241)<sup>2</sup>: “O verbo que se faz palavra, também se faz no corpo; e se faz corpo antes de se fazer palavra. [...] E como abrir mão deste que se fez protagonista na chegada ao mundo, na relação com o outro? Aliás, por que abrir mão do corpo?”

Arenhart, Guimarães e Santos (2019)<sup>3</sup> acrescentam que na infância, “as relações e os sentidos são mobilizados pelo corpo nos encontros entre crianças e adultos”. Sentidos estes que “passam por afeto, força, cuidado, cumplicidade, resistência, confiança, poder e controle” (p. 508) e, continuam as autoras: “inspiram na construção de uma pedagogia das relações, dos afetos, numa pedagogia de corpo inteiro” (p.522).

A preocupação com a qualidade audiovisual dos materiais, com a proteção de direitos autorais e de propriedade intelectual, com a preservação e cuidados com a imagem pessoal e institucional nos levou a repensar as estratégias citadas anteriormente. Além da dificuldade em entendermos que não era o nosso papel educacional: fazer produções audiovisuais invejáveis. Entendemos que nosso papel seria o de criar pontes que nos liguem.

Ainda nesse contexto de incertezas e tentativas, pensamos então em canais mais “estreitos” e que alcancem nosso receptor com mais precisão, como a plataforma do *Classroom*, *link* dos vídeos que possam ser enviados por e-mail e *WhatsApp* e ligação para informar essas novas plataformas. Foram criados, também, diversos grupos de *whatsApp*, possibilitando uma comunicação mais segura e quase que instantânea com as famílias e os agrupamentos.

Sabemos que o ideal está longe de ser alcançado, até mesmo por não acreditarmos na educação à distância para crianças pequenas, porém, não poderíamos perder o nosso vínculo com as crianças e as famílias, principalmente em um momento tão complexo como o que estamos passando. Entendemos que as crianças leem e se expressam com o mundo em múltiplas linguagens, portanto, não seria possível manter uma comunicação ativa através de vídeos bidimensionais, apresentados em tela com espaço limitado. Continuamos nos reinventando e convidando a comunidade a participar desse processo, mas com cautela, pois precisamos manter a integralidade da equipe de educadores, das famílias e das crianças.

1 Ver: Freire, Paulo (2006). Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra.

2 COUTINHO, A.M.S. O corpo dos bebês como lugar do verbo. In: ARROYO, Miguel G. SILVA M. R.da. (Orgs.) Corpo- infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

3 ARENHART, Deise; GUIMARÃES, Daniela; SANTOS, Núbia Oliveira. Corpos cheios de si e do outro: encontros entre crianças e adultos na creche. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 508-524 set-dez de 2019: “Educação: Corpo em movimento.” – DOI: 10.12957/riae.2019.45803

O kit foi pensado com muito carinho por todos os educadores e educadoras da educação infantil do NEI-Paulistinha de acordo com as intencionalidades de cada agrupamento. Na sacolinha foram enviados lembretes, explicações e dicas para transformar essas brincadeiras e novas experiências ainda mais divertidas.

A sacolinha teve o intuito de proporcionar interações entre as famílias e educadoras, assim como novas experiências e exploração autônoma para as crianças (para desenhar, recortar, pintar, manusear), considerando a concepção de bebês e crianças que embasa nossas práticas no NEI: sujeitos capazes, potentes, criativos e questionadores do mundo ao seu redor. Os materiais também foram utilizados por alguns agrupamentos nos encontros síncronos com as educadoras, proporcionando interações diferentes com os materiais.

Pensando sempre no bem estar de todos, as sacolinhas foram montadas com muitos cuidados e seguindo protocolos de higienização que o período nos exige. Da mesma forma, marcamos dias e horários para que cada família pudesse retirá-la na escola sem que houvesse aglomeração.

Pensar sobre esses materiais para as crianças fez aflorar em nós, professoras e professores saudades do nosso dia a dia cheio de exploração e aventura, e, como disse Miguel Nunes Mendes ao receber sua sacolinha: “mãe a pro mandou essa sacola. Ela tem cheiro da escola!”



## A relação entre família-escola e as “lições” da pandemia

Edgeozana Ribeiro do Nascimento - Juliana Diamante Pito - Andrea Chagas

Infantil

A relação com as famílias das crianças é elemento essencial de qualquer projeto pedagógico, tendendo a ser mais estreita quanto menor a criança. A pandemia da COVID-19 e a suspensão das atividades presenciais nas escolas em todo o país colocou a relação entre família e escola no centro do debate da educação das crianças. E nas diversas, desiguais e complexas realidades que assolam o país nesse momento vamos reafirmando a importância da escola, acompanhando os drásticos impactos que a falta dela pode ter na vida das crianças, na vida de famílias trabalhadoras, mas, ao mesmo tempo, aprendendo a cultivar relações possíveis com as famílias e de compreendê-las como verdadeiras parceiras no ato de educar e cuidar das crianças.

No NEI Paulistinha a relação e a manutenção dos vínculos com as famílias foram focos da nossa proposta pedagógica desde a suspensão das aulas presenciais, em meados do mês de março. Assim, desde o início do isolamento social foram organizados encontros virtuais, rodas de conversas, rodas temáticas de conversas com as famílias. Contamos com a participação de muitas convidadas, profissionais de diferentes áreas. Foram enviadas cartas a todas as crianças da escola com um convite especial: plantar girassol. Além disso, foram também disponibilizados e-mails para contato institucional, além de organizados grupos de *whatsapp* das turmas, que em muito favoreceram a comunicação direta entre crianças, famílias e educadoras. Nos canais de comunicação, trocas afetuo-

sas e respeitadas de mensagens, recados e produções das crianças, relatos emocionantes de famílias. A tradução da disponibilidade de “estar junto”.

### Mas e os/as bebês?

A proposta de encontros com os berçários foi de, quinzenalmente, realizar encontros temáticos com as famílias, abordando temas do currículo da educação infantil como amamentação, músicas para bebês, escovação, alimentação saudável e outros, com o objetivo de manter afetos e vínculos, sanar dúvidas e trocar experiências.

A partir das rodas de conversa com participantes convidados, educadoras e famílias teceram um diálogo e escuta sensível das especificidades de cada um. Uma verdadeira roda de afetos que muito tem nos ensinado. E foi durante esses encontros que buscamos através das telas os olhares dos bebês e ao nos encontrarmos cantamos, dançamos, conversamos, rimos e brincamos.

Das tantas lições que temos tido durante esse período de pandemia, que possamos aprender de uma vez por todas que “é preciso uma aldeia para se educar uma criança”\*. Somos gratas por essa parceria.

*“Estamos juntas! (...) Esse período, está sendo muito bom estar com vocês, ouvir as pessoas que tem ido e os temas que tem sido discutido, estou gostando muito ver vocês todas terças-feiras, tem sido ótimo, e está sendo aproveitado da melhor forma possível!”*

Ana Paula Galdeano (mãe do Vinicius B1)

\* provérbio africano

Uma de minhas histórias favoritas de ler para as crianças é a do “rei Bigodeira e sua banheira”, da Audrey e do Don Wood. Durante toda a história o Pajem grita: “socorro, socorro, o Rei Bigodeira está na Banheira e não quer sair. O que vamos fazer?” e todos tentam tirar o Rei da banheira sem sucesso. Ao final, o Pajem faz o mais simples – e óbvio – e é bem sucedido. E por que estou contando essa história?

Porque como uma professora que, em licença maternidade, acompanhou de longe todas as tentativas de se fazer uma boa educação dentro das possibilidades que foram dadas neste ano de 2020. Vi que nossas professoras, professores e TODA a equipe da

Paulistinha – aquelas e aqueles que não estão diretamente com turmas, mas fazem nossa escola ser o que é – não mediram esforços para “tirar o Rei da banheira” e, ao ler todos esses relatos eu vejo que, assim como o Pajem, vocês fizeram o mais óbvio e simples: continuaram fiéis à essência de vocês e de nossa escola, espalharam amor, dedicação e profissionalismo.

Sou muito sortuda por fazer parte dessa escola incrível.



## Matrizes culturais do Brasil: indígenas e africanas

### Projeto interdisciplinar de artes, contação de histórias e educação física

Fundamental

Edileine Carvalho Vieira - Lucyane Dias de Souza - Fernanda Batista

Desenvolvemos o projeto atendendo à implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura indígena. Nossa intenção era ir além do conhecimento sobre apropriação cultural que ocorre quando uma cultura adota elementos específicos de outra cultura. Esse conhecimento pode tratar de ideias, símbolos, artefatos, imagens, vestimentas, sons, formas e aspectos comportamentais, incluindo importantes manifestações da fitolatria (estudo do culto e das adorações das plantas). Estudamos a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* e a *Base Nacional Comum Curricular*, que incluem no currículo oficial a obrigatoriedade da presença da temática “da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e as considera aprendizagens essenciais.

A intenção foi trazer para o âmbito do Ensino Fundamental da Paulistinha uma cultura de convivência respeitosa, solidária, humana entre povos de diferentes origens, pertencimentos presentes no Brasil e que se encontram em diversos espaços coletivos; conceito importantíssimo para ser compartilhado com nossas crianças e seus familiares.

Com todos estes documentos e estudos compartilhados entre professoras e crianças, iniciamos as atividades em sala de aula com diversas fontes pedagógicas e relacio-

onamos diversas áreas do conhecimento. Mas no dia 16 de março de 2020, houve uma pausa no projeto devido ao isolamento social; dando continuidade a este projeto remotamente.

O projeto durante as aulas online seguiu com: a contextualização das culturas indígenas e africanas; apresentação de diversos vídeos; atividades lúdicas, tais como jogos, brincadeiras e brinquedos; contação de histórias com a professora Fernanda; apresentação de imagens sobre o tema; fotografias das crianças caracterizadas de indígenas ou africanas.

A professora Fernanda participou com a contação de histórias de livre interpretação oral, mitos, lendas e contos de origens indígenas e africanas, apresentou diversos instrumentos musicais e objetos da cultura popular. Sua participação enriqueceu a contextualização do tema e ampliou o repertório de todos - crianças, famílias e professoras.

O resultado das atividades com as crianças nos surpreendeu. Houve participação intensa e efetiva das famílias, com o envio das fotos, produção de vídeos, maquiagens, artefatos e depoimentos espontâneos, como este:

*Ah, é demais fazer essas pesquisas com ela. Ela se diverte também. Eu falo que meu vô era mistura de índio com negro, ela acha curioso. Esta geração, muito por causa de vocês, terá mais respeito por essas culturas. É isso o que importa. Que eles aprendam amar e a enfrentar a vida sempre com o devido respeito a toda e qualquer cultura. Aproveito para agradecer aqui pelo esforço de vocês neste momento nem sempre favorável.*

*Cauê Muraro, (Pai da Aurora Muratore Oliveira Barbosa Muraro, 1º Ano B, 2020)*



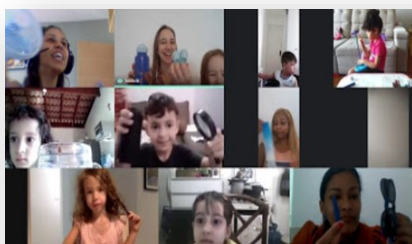
Confiram todo o processo neste link:

<https://www.facebook.com/atividadedeartes.2020/>

## E de repente... não podemos mais sair de casa!

Infantil

Ana Paula Santiago do Nascimento - Rosimeire Andrade de Jesus



professoras dos Infantil I A e B e maternal I e Infantil I C.

Após um período de elaboração e envio de vídeos para as crianças, que pouco tinham sentido ou conversavam entre si (apesar do imenso esforço feito por todas(os) para que eles ficassem bonitos e nos aproximassem das crianças) e com a confirmação de que não voltaríamos às atividades presenciais no ano de 2020, construímos um planejamento de encontros síncronos com dois objetivos centrais constantes em nossa Carta de Intenções dos Infantis: brincadeiras, repertório e produção artísticas.

As atividades de brincadeiras aconteceram de uma forma bem descontraída. Foram momentos de encontros, sorrisos, movimentos, interações entre as crianças e seus familiares e, na medida do possível, com os amigos na tela. Difícil escolher a que mais nos divertiu: Estátua, Seu Mestre Mandou, Bola na Cesta, Construindo uma Cabana, Bola de Meia, Bingo de Letras, Dançando com o Boi, Caça aos Objetos com e sem regras.... Aliás, essa brincadeira merece ser compartilhada com vocês!

A brincadeira de caça aos objetos com regras do dado foi inesquecível. Já tínhamos brincado de encontrar coisas

pela casa, mas na ocasião cada participante do encontro falava um objeto e a gente saía andando (combinamos que não podia correr) para pegar, mas agora a brincadeira havia ganhado um incremento. Um não, três!!!

Nós fizemos três dados, um de letras, um de quantidades e o outro de cores. Iniciamos com o de quantidades. A professora Meire jogava o dado e as crianças tinham que pegar quaisquer objetos na quantidade correspondente. Depois o desafio aumentou porque seriam jogados dois dados, o de quantidades e o de cores. Além da quantidade de objetos que as crianças pegariam, tinham que ser da mesma cor. Para finalizar, utilizamos mais um dado de letras. Ficou só um pouquinho difícil!

O dado de bolinhas, o dado de cores e o de letras, isso mesmo, as crianças teriam que pegar a quantidade de objetos, na cor que o dado caísse e que começasse com a letra que havia saído no dado!

Quase impossível de conseguir... Imagina a tensão se saísse a letra Y!

As crianças (e os adultos) se divertiram muito e foram minutos que passaram sem nem percebermos...uma pausa para respirar alegria!



## Encontros online: momentos de alegria, celebração e aprendizagem!

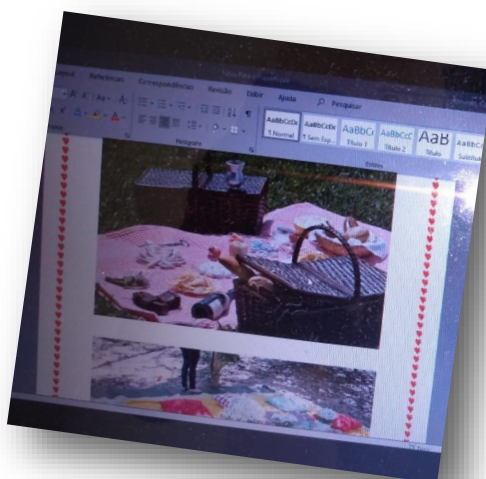
Viviane Margarida M. C. Azevedo - Regina Teixeira Almeida

Fundamental

Vamos contar um pouco sobre duas propostas realizadas com as turmas do 3º ano que demonstraram a possibilidade de, mesmo com as adversidades e desafios do ensino remoto, proporcionar experiências de aprendizagem significativas e diversificadas. Usando um pouco de imaginação e tecnologia, descobrimos maneiras diferentes de celebrar que ampliaram nossos horizontes de possibilidades.

A primeira proposta aconteceu em julho, pouco antes das férias das escolares. Conversando com as turmas, decidimos fazer uma comemoração junina, muito apreciada pelas crianças. Para tanto, organizamos um "Arraial Online", com direito a roupas típicas, maquiagem, enfeites, comidinhas e muita música.

A festa foi um sucesso! Constatamos que, mesmo distantes uns dos outros, podemos compartilhar momentos e experiências significativas, e valorizar festividades próprias de nossa cultura.



A segunda proposta visou aprofundar os temas estudados em História, Geografia e Ciências realizando um "Piquenique Virtual".

Para "chegar" ao local do Piquenique, fizemos um "passeio virtual". Com fotos e imagens, saímos da escola e percorremos o caminho (com direito a ônibus de viagem) para fazer nosso piquenique no Parque do Ibirapuera. Caminhamos pelo parque através das imagens, observando todos os detalhes. Depois, preparamos nosso piquenique com toalha quadriculada vermelha e branca, cesta de vime e muita comida gostosa que havíamos preparado em nossas casas.

Enquanto as crianças se divertiam, aprofundavam seus conhecimentos sobre a transformação da paisagem, o espaço da cidade e entorno da escola, sobre as formas de lazer, e também sobre os objetivos de desenvolvimento sustentáveis para a boa alimentação.

# Escutando as crianças e contemplando as experiências em tempos de pandemia no NEI-Paulistinha

Fabiana de Godoi - Vanessa R. Leôncio - Ana Lúcia M. Narciso  
Andrea Cláudia R. Silveira - Mariel E. Heiss e Rodrigues

Infantil

Muitas dúvidas e anseios surgiram durante o período de afastamento social. Como manteríamos o vínculo com as crianças? Como substituir o convívio interpessoal, sendo que a escola é um lugar de interações e troca de experiências? Como escutar e observar as curiosidades das crianças?

Os encontros síncronos foram pensados, não para substituir o chão da escola, mas, para potencializar a escuta das crianças e suas expectativas, planejando os encontros e proporcionando momentos de alegrias e brincadeiras.

Certo dia, em um de nossos encontros com a turma do Maternal I, eis que surge um pedido de um dos pequenos: “Eu quero ouvir história assustadora de dinossauro”. E, assim, em nossos planejamentos passamos a contemplar as experiências com pontinhas de medo, histórias e músicas de seres assustadores como fantasmas, bruxas e outros que apareceram para arrepiar os cabelos dos pequenos. Selecionamos a história “Vai embora grande monstro Verde”, de Gilda de Aquino e Ed Emberley, para continuar nossa experiência assustadora e as crianças também criaram suas narrativas aterrorizantes. Enzo recontou seu enredo de medo e Luisa Mião pediu para ouvir música de fantasma e “A noite no castelo”, de Hélio Zinsskind fez todos mexerem os esqueletos.

“Eles viram que as patas dele tava muito forte e também os pisos muito forte ... calma é só uma história de terror que eu tô contando” (Enzo)

Outra experiência proporcionada pelas crianças se deu após a entrega do kit de materiais brincantes, onde disponibilizamos lantejoulas e gliter para confeccionar uma garrafa sensorial. Luisa Monteiro mostrou sua garrafa já pronta e, enquanto seus amigos faziam suas garrafas ela desenhava. Mas não era qualquer desenho, como ela mesma disse, era o desenho de sua própria garrafa, e compartilhou o desenho através da tela.

Enquanto isso, as demais crianças continuaram a criar suas garrafas, utilizando outros materiais que as famílias tinham disponíveis em casa, como botões, fitas adesivas, tintas e corante, foi uma diversão! As famílias usaram a criatividade e enriqueceram o encontro. Mesmo longe fisicamente conseguimos captar cada olhar, cada sentimento, cada gesto dos pequenos, esse é o momento em que muitas emoções afloram, choros e saudades das professoras, da escola, sorrisos e dos

## MANIFESTO

Andréia Regina de Oliveira Camargo - Ítalo Butzke

Em tempos de Pandemia, ou em qualquer tempo, defendemos o protagonismo infantil, as diferentes linguagens das crianças, as especificidades da infância, a profissão docente, a qualidade social da educação e os direitos das crianças.

Diante do atual cenário pandêmico, e de isolamento social - a quem seja possível - destacamos a importância das escolas garantirem a manutenção do vínculo com as crianças e suas famílias, compreendendo e afirmando como imprescindível “[...] a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização” (BRASIL, 2009), sem julgamentos ou imposições de atribuições que competem a instituição escolar e seus profissionais.

Afirmamos, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p.02), que as escolas devem garantir plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

“Oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;  
Assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;  
Possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;  
Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;  
Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.”

Defendemos que cada instituição escolar, respeitando os preceitos do Projeto Político Pedagógico democraticamente construído, deverão efetivar ações coletivas de manutenção de vínculo com as crianças e famílias, com estratégias que alcancem todas as crianças, sem exceção.



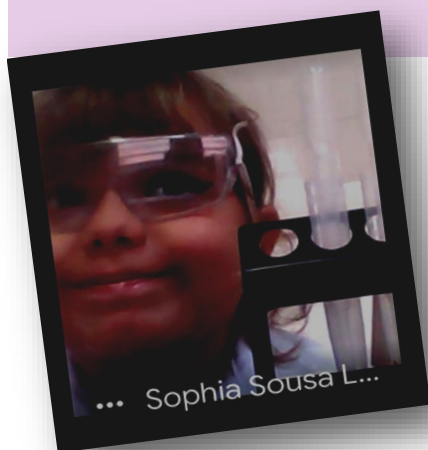
**“manter vínculos é...**

*estreitar os laços  
acolher com palavras, gestos e ações  
respeitar as diferenças  
resgatar e compartilhar memórias  
pensar juntos  
apoiar as dificuldades  
se colocar no lugar do outro  
compreender as dores, angústias e alegrias alheias  
estar à disposição  
viver o agora  
trilhar novos caminhos possíveis  
esperançar dias melhores  
acreditar que podemos ser mais humanos.”*

## Trabalhando a oralidade no 1º ano

Darlene Costa - Luciane Fantini - Fabiana Paiva

Fundamental



A linguagem é um aspecto fundamental no processo de desenvolvimento das crianças. O 1º ano, por ser um momento de alfabetização sistemático, necessita propor experiências diversificadas com a linguagem oral e escrita, objetivando

que a criança chegue à compreensão do sistema de escrita alfabética

O desafio para o trabalho com alfabetização no ensino remoto é grande, pois precisamos viabilizar propostas que permitam que as crianças avancem nas suas hipóteses de escrita e aprimorem suas formas de expressão e comunicação. Considerando que a distância e a relação virtual impõem novos modos de interação e possibilidades, é preciso garantir que as crianças consigam dizer o que pensam e sentem por meio da escrita.

Pensando nisso, as professoras do 1º ano, juntamente com a professora da sala de leitura/biblioteca elaboraram uma proposta voltada ao desenvolvimento da linguagem, focando na oralidade e na compreensão da leitura. Por meio de situações de letramento que o englobam o trabalho com os diferentes gêneros textuais, realizamos propostas diversificadas que estimularam a imaginação e expressão: leitura e contação de histórias feitas pelas professoras; rodas de conversa sobre as histórias; reconto feito pelas crianças.



E a fantasia também desempenhou um importante papel nesses momentos, sendo que um dos favoritos foi quando as crianças tiveram a oportunidade de criar seus próprios personagens usando a imaginação, criatividade e ampliando o vocabulário.

Infantil

## Como trabalhar arte remotamente na Educação Infantil?

Ítalo Butzke - Andréia Regina de Oliveira Camargo

Este questionamento nos tira o sono faz um tempo. Em nossa atuação, buscamos interligar as múltiplas linguagens, isso porque elas agem como potencializadoras das aprendizagens e dos saberes, assim como também ampliam e integram as propostas de pesquisa desenvolvidas pelas turmas.

No entanto, esse ano letivo, que parece nem ter começado, trouxe o desafio da prática remota. Alguns meses se passaram, mas ainda temos a sensação de que nossas ações artísticas não estão atingindo todas as crianças, ainda que tenhamos consciência da impossibilidade disso.

Essa preocupação vem à tona por saber que nossa escola é formada por crianças de diferentes contextos, embora respeitemos as subjetividades, percebemos que há uma discrepância considerável na participação das crianças. Ou seja, a arte não chegará à sua totalidade.



Nós, da equipe do NEI-Paulistinha, pensamos e repensamos, com muita pesquisa e diálogo, em maneiras significativamente viáveis para que nossas propostas continuassem a ser interativas, possibilitan-

do a aprendizagem e respeitando o calendário vigente. Mas para nós, mesmo que tentemos encontrar meios em que as linguagens artísticas adentrem as casas de nossas crianças, transpassando as telas dos dispositivos, temos plena consciência que o cheiro, a textura, a qualidade estética e das descobertas não chegarão na íntegra. Nossas rodas de conversa e os diálogos reflexivos sobre a prática vivenciada não são possíveis através das telas.

A criança não se apresenta como sujeito fragmentado, mas inteiro e disposto a se relacionar com o mundo físico, social, artístico e cultural. Ela se expressa em diferentes linguagens, por isso, compreendemos a complexidade que esse momento histórico tem proporcionado. A arte na primeira infância acontece nessas trocas entre sujeito/sujeito, sujeito/meio e sujeito/elementos. É na arte que a criança expressa suas múltiplas linguagens: brincando, cantando, dançando, pintando e afins. Sabemos a gravidade do desafio que estamos percorrendo, por isso, persistimos no trabalho de encurtar as lacunas que surgiram no ensino remoto, e desejamos que os materiais que estão sendo enviados para as crianças convidem para experiências nessas linguagens.

Durante a pandemia fomos obrigados a nos reinventar. Tivemos que reaprender a ensinar, saímos de nossa “zona de conforto” e fomos inseridos no mundo das tecnologias, o mesmo que nossas crianças já transitam com facilidade há algum tempo. Percebemos que para ensinar não seriam suficientes os conhecidos livros, cadernos, giz e lousa... precisaríamos ir além. Mudamos muitas de nossas práticas, sem saber se daria certo. E não é que deu certo e foi muito divertido!



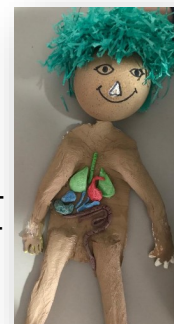
Venho compartilhar uma dessas experiências, realizada pela turma do 5º ano A. Conforme nosso currículo, iniciamos discussões que abordavam conteúdos referentes ao corpo humano e aos sistemas que o fazem funcionar, ainda no início do ano, em nossos encontros presenciais. E, então, o distanciamento social e

as aulas remotas tornaram-se a norma e foi quando veio a questão: como consolidar esta temática no novo formato de aula remota síncrona? Como continuar realizando as trocas proporcionadas no ambiente escolar presencial?

Conversando com os alunos, em um dos encontros remotos, tivemos a ideia de fazer o “registro” e consolidar o conteúdo das respectivas aprendizagens no formato de vídeo, no qual os alunos poderiam demonstrar e explicar sobre o que aprenderam de forma mais interativa e lúdica. Alguns alunos imediatamente se empolgaram e começaram a rela-

tar até como fariam a gravação pelo *tik tok*. Outros, no entanto, questionaram se seria obrigatório, pois tinham um pouco de vergonha para gravarem o vídeo, mesmo assim foram contemplados no trabalho com suas fotos e imagens. Depois de várias trocas e muita empolgação, realizamos a atividade. Assim, os alunos retomaram os seus conhecimentos sobre o tema, se embasaram com novas pesquisas e explicaram como é o funcionamento do nosso corpo. Com os vídeos prontos, os alunos enviaram por e-mail e foi produzido um “tutorial coletivo” que compartilhamos com todos da sala, desta forma replicamos as informações e conhecimento diferenciados e pertinentes ao aprendizado.

A devolutiva dos alunos foi muito positiva, pois, além de mostrarem a sua própria produção e o que aprenderam, puderam ver a produção dos amigos e aprender também, ou seja, o aluno sendo o protagonista de seu aprendizado.



“Então vamos lá ver tudo isso que acontece no nosso corpo humano?” (Pedro Moreti)

Clica no Link pra descobrir:

<https://drive.google.com/file/d/11xll-6WipELNi4bigeF2de3EhMLBvdEc/view?usp=sharing>

“Bom, espero que tenham gostado do vídeo!” (Manuela Pacheco)

## A Escola Paulistinha de Educação como campo de estágio, pesquisa e extensão

Nádia Massagardi Caetano da Silva

Fundada na década de 1970 na Faculdade de Enfermagem para atender aos filhos e filhas das mães trabalhadoras, a Paulistinha hoje se aproxima da comemoração de seus 50 anos. Por ter sido criada no interior de uma Faculdade, e por sua proximidade com o *Campus São Paulo*, serviu como campo de estágio, pesquisa, extensão e residência para cursos da área da saúde ao longo de toda sua trajetória.

Embora essa história caracterize a instituição e deixe marcas em sua organização até hoje, há, neste momento, uma peculiaridade que marca o desenvolvimento e a organização de suas ações: uma pandemia em curso que exige distanciamento social. Assim sendo, como se desenvolveriam pesquisa, extensão e estágio? Qual seria o papel da escola neste cenário?

Se os estágios da área da saúde foram temporariamente suspensos (por uma reorganização das disciplinas), a formação de estudantes da área de educa-

ção permaneceu. Durante o segundo semestre, alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFS-Car, campus Sorocaba, acompanharam as atividades remotas do NEI-Paulistinha em seus estágios curriculares.

No que tange à extensão, a comunicação entre universidade e a sociedade foi intensificada pelo ambiente virtual, que possibilita o acesso e participação de pessoas de diferentes localidades, de modo que a produção de conhecimentos e a interlocução das atividades da unidade com a sociedade, através de processos ativos de formação possibilitou que a escola extrapolasse seus muros através do universo virtual, como aconteceu com o III Seminário de Pesquisas do NEI-Paulistinha. E, neste cenário virtual, foi constituído o Grupo Acriançar; e o Gepiefop deu início a atividades de pesquisa e extensão relacionadas aos 50 anos da Paulistinha.



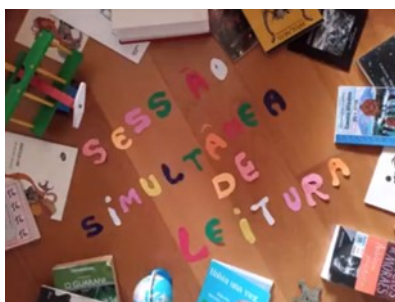
# Literatura afro-brasileira e indígena na Sessão Simultânea Virtual de Leitura

Fabiana Godoy - Thaise Vieira de Araujo

Infantil

A Sessão Simultânea de Leitura é uma proposta pedagógica desenvolvida no NEI Paulistinha que visa propiciar aos bebês e crianças pequenas experiências com linguagem literária. Tradicionalmente, o evento literário acontece no cotidiano da escola, no entanto, no ano de 2020 devido à paralisação das atividades presenciais ocasionada pela COVID-19 e a organização das práticas pedagógicas remotas, a experiência aconteceu virtualmente e teve como tema literatura afro-brasileira e indígena - em diálogo com o projeto institucional "Educação para as relações étnico-raciais" do NEI Paulistinha, que se ampara na Lei 10.639/2003, que estabelece obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica, e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009.

Por meio dos grupos de *WhatsApp* das turmas, as famílias receberam o catálogo de livros, para escolherem com os bebês e as crianças qual Sessão de Leitura gostariam de participar. Salas Virtuais foram abertas pela plataforma *Google Meet* e no horário marcado as crianças de diferentes idades e turmas se reuniram para apreciar a leitura dos livros que haviam escolhido. Durante a



leitura, olhinhos atentos e curiosos. Ao final, as crianças puderam comentar sobre as histórias que ouviram, Miguel de 5 anos após terminar a história "A Cor de Coraline", de Alexandre Ramposo, foi buscar a cor de lápis que representava sua cor de pele, entendendo que não existe uma única cor de pele e que há uma diversidade de cores.

Pudemos perceber que apesar do confinamento físico, estar presente, mesmo que virtualmente, para se (re)conhecer através das histórias e contos que contam sobre os povos africanos e indígenas e suas culturas é uma oportunidade importante de construção coletiva de nossa identidade enquanto povo brasileiro, um compromisso ético, estético e político que deve ser assumido pelas escolas de educação básica, desde a creche, com o intuito de combater a discriminação racial e para colaborar na construção positiva da identidade das crianças negras de nosso país. Compreendemos ainda, que não basta ter um currículo e práticas não racistas, é necessário ter um currículo e práticas antirracistas, que alicerces a sociedade que desejamos: igualitária, justa e democrática.

## Desenvolvimento profissional de educadoras e educadores da infância em tempos de pandemia: desafios e possibilidades

Infantil

Thaise Vieira de Araújo - Juliana Diamante Pito

No NEI Paulistinha a consolidação do projeto pedagógico sempre esteve vinculada ao processo de formação de educadores e educadoras, compreendidos por nós, com base em André\*, como uma possibilidade de desenvolvimento profissional docente continuamente buscando romper com a cisão entre teoria e prática e, acima de tudo, defendida como direito. No entanto, falar de processos formativos no ano de 2020 exige falarmos dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19: como seguir com nosso plano de formação e desenvolvimento profissionais à distância? Como atender as demandas para atuação no "novo normal"?

No esforço coletivo de construir, sustentar e interpretar um projeto educativo que, necessariamente precisaria ser revisto frente a nossa atual conjuntura, foram organizadas inúmeras ações formativas à distância, configurando-se em encontros de reflexões, debates e estudos em busca de respostas à

complexidade do cotidiano a partir de três componentes fundamentais: o cuidado, a ética e a democracia.

Na necessária articulação entre o conteúdo das ações formativas com as práticas cotidianas, o processo de formação de educadoras e educadores foi organizado em dois blocos: a) reflexão, planejamento e documentação das práticas cotidianas remotas desenvolvidas com bebês, crianças e famílias e b) diálogos intersetoriais com vistas ao retorno às atividades presenciais. Este último, em especial, contando com a presença de educadores, educadoras e pesquisadoras de diferentes áreas, a fim de embasar a construção de medidas a serem adotadas nos planos de ação das instituições de educação infantil e ensino fundamental, assim como a necessária reflexão sobre a atual conjuntura da educação. Os encontros virtuais foram realizados semanalmente - no mínimo dois encontros semanais - e se constituíram como importante espaço de trocas, desabafos, reflexões e proposições.

\* ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.

# A escola que se abre para o encontro e para novas possibilidades: encontros virtuais e experiências nas diferentes linguagens em tempos de pandemia

Juliana Diamante Pito

A pandemia da COVID-19 apresentou inúmeros desafios à educação, da creche à pós-graduação, intensificados ainda mais quando consideramos as especificidades e natureza do trabalho com bebês e crianças bem pequenas no âmbito da Educação Infantil. Compreender a complexidade do momento vivido exigiu de toda equipe da Educação Infantil do NEI Paulistinha muito diálogo, formação e reflexão, um movimento de ir e vir, de construção e re-construção de propostas, de tentativas de aproximação, de manutenção de vínculos com crianças e famílias. “Na impossibilidade de estarmos juntos, o que faremos, o que nos cabe, qual nosso papel social?”, nos perguntávamos insistentemente.

Ao longo do tempo, à medida que também foi se prolongando a necessidade de distanciamento social, fomos intensificando nossos canais de escuta, ora em reuniões virtuais, ora em conversas mais individuais entre famílias e educadoras. Entre nós, um desejo comum: estarmos juntos. Nesse desejo, muitos desafios: às famílias caberia organizar uma rotina e um jeito próprio de participação das propostas da escola; às educadoras o desafio de proporcionar práticas de interações, de brincadeiras, de oportunizar experiências brincantes e acompanhar, na medida do possível, as aprendizagens e desenvolvimento dos/das bebês e crianças. Entre tudo, uma ponte possível: as telas. “Mas como utilizá-las com crianças tão pequenas? E os/as bebês? Como manter a coerência de uma proposta pedagógica que se concretiza na interação e na brincadeira?”.

Frente a tantos desafios, organizamos nossa prática com encontros síncronos, isto é, aqueles que ocorrem em ambientes virtuais e que permitem o diálogo de maneira direta, ou seja, os encontros “ao vivo”; e com atividades assíncronas, gravadas ou organizadas para que crianças e famílias pudessem acessar e acompanhar quando e como pudessem.

Os encontros síncronos foram organizados de for-

ma a atender as intencionalidades dos agrupamentos. Assim, enquanto a proposta do Berçário, por exemplo, era de consolidar espaços de diálogos com as famílias e ocorreram quinzenalmente, a proposta dos Infantis era de oportunizar às crianças experiências nas diferentes linguagens, com sugestões de roteiros e dicas, que ocorreram, no mínimo, duas vezes na semana. Houve também as propostas síncronas mais coletivas, como, por exemplo a Sessão Simultânea de Leitura, visitas à museus virtuais ou ainda encontros com os professores de arte, corpo e movimento.

Já as propostas assíncronas foram planejadas coletivamente e enviadas diariamente a todas as turmas via *WhatsApp* e disponibilizadas no *Classroom*, buscando também contemplar as múltiplas linguagens e os projetos institucionais da escola, a partir do seguinte roteiro semanal: às segundas dicas de experiências brincantes; às terças “*podcast* Brincando com as palavras”; às quartas “conhecendo artista da cultura popular”; às quintas vídeo do nosso “Rola que rola”; às sextas “*podcast* Entrelaçando diálogos com as famílias”.

É nosso dever reconhecer que há lacunas, contradições e muitas dificuldades nesse processo. E é preciso falar delas para não correremos o risco de deixar qualquer brecha que possa desvalorizar ou desconsiderar a importância do espaço de Educação Infantil como aquele do encontro, do coletivo, do acolhimento e das aprendizagens que são tecidas no cotidiano. Nesse sentido, continuamos afirmando que a EDUCAÇÃO INFANTIL não se faz à distância; que EDUCAÇÃO INFANTIL é coisa séria e é direito de todos os meninos e todas as meninas, desde bebês, para que sintam e experienciem juntos cheiros, cores e sabores; traços e texturas; ritmos e melodias; cochichos e gritinhos.

De qualquer maneira, certamente, de tudo isso, temos uma grande lição: é preciso reforçar o valor dos encontros, dos reencontros e da vida, ainda que seja pelo “*Google Meet*”!. Seguimos juntos e juntas!

## Tesouros das Infâncias Paulistinhas



### EQUIPE EDITORIAL

**Responsável por esta edição:** Bruna Breda

**Editora:** Juliana Diamante Pito

**Secretária:** Dilma Antunes Silva

**Conselho Editorial:** Ana Paula Santiago do Nascimento; Andreia Regina de Oliveira Camargo; Bruna Breda; Dilma Antunes Silva; Juliana Diamante Pito; Nádia Massagardi Caetano da Silva; Tânia Maria M. de Quintal; Thaise Vieira de Araujo